

III INTERNATIONAL MEETING OF SOCIOLOGY (ISSOW)
Education, Employment and Retirement: Transitions in risk societies

26th-27th November 2018 :: Faculdade de Letras, University of Lisbon

. Sessão 6/ Session 6

Tendências de atividade: emprego e desemprego entre os mais seniores (1988-2017)

Ricardo Fabrício
rf@uma.pt
SOCIUS/CSG/ISEG/UL
& Universidade da Madeira

Resumo

O envelhecimento da população não é um fenómeno que se esgote na dimensão biológica e demográfica, conforme as abordagens mais determinísticas podem fazer crer. As questões suscitadas pelo envelhecimento, embora relacionáveis com o aumento da esperança de vida e a dinâmica da distribuição da população, são o resultado das convenções predominantes nas nossas sociedades, que para serem convenientemente ajustadas, envolvem a (re)construção dos modelos produtivos vigentes e do entendimento que privilegiamos relativamente à relação dos humanos com o trabalho.

Assim, o problema em apreciação nesta comunicação são as tendências que se estão a estabelecer, em termos de atividade, emprego e desemprego, no interior do grupo etário dos indivíduos mais seniores (com + 65 anos de idade) da população portuguesa. Do ponto de vista metodológico, o tratamento deste problema faz-se através da análise do comportamento da população ativa, da população inativa, da população empregada e da população desempregada, com idade superior a 65 anos (1988-2017), com base em dados oficiais (INE – Inquérito ao Emprego/Pordata).

As dinâmicas que se inferem dos níveis de (in)atividade e de (des)emprego, no grupo e no período considerados, atestam a diminuição de atividade, a diminuição de emprego e o aumento do desemprego, entre os mais seniores (+ de 65 anos), tendo por pano de fundo o aumento da esperança de vida, que torna pertinente a continuidade da discussão sobre a reformulação do significado social da senioridade, da geometria dos ciclos produtivos e do trabalho na contemporaneidade.

Sem a transformação ou o reposicionamento do trabalho e das lógicas produtivas no ciclo biológico e demográfico da vida humana, dificilmente, o envelhecimento da população será um sinónimo de ganhos civilizacionais sustentáveis e tenderá a permanecer reificado e em situação de risco crescente, polarizando-se, entre um atrativo aumento da esperança de vida, no entanto, desprovido do desejável incremento de qualidade de vida.

Palavras-chave: Envelhecimento; senioridade; atividade; emprego; desemprego.

O envelhecimento como prelúdio

A sociedade portuguesa tem vindo a ser alertada para o seu futuro demográfico, através de diferentes abordagens que colocam em evidência, *grosso modo*, um conjunto de fatores explicativos, como o aumento da esperança de vida, as reduzidas taxas de natalidade, as baixas taxas de fecundidade e os movimentos migratórios. Perante a dinâmica destes fatores, no horizonte vislumbram-se múltiplos desafios, alguns diretamente relacionados com os papéis consignados aos seniores¹, que representam mais de 20% da população (2,1 milhões de 10,3 milhões em 2015) e um grupo etário em crescimento na sociedade portuguesa.

Os cenários que advertem para o encolhimento populacional e a maturação etária na sociedade portuguesa estão patentes nas análises prospetivas, internas e externas, que realçam o aumento da população mais envelhecida e a diminuição proporcional de jovens, como fenómenos instalados

e em aceleração desde 2010 (OIT, 2018), face aos quais o agravamento do cenário demográfico somente alcançará alguma estabilização a partir da (ainda distante) década de 60 do Séc. XXI (INE, 2017).

A população nacional encolherá até 2080, altura em que Portugal terá 7,5 milhões de residentes, com esta população a fixar-se abaixo dos 10 milhões de habitantes em 2031, dos 9 milhões em 2053 e dos 8 milhões em 2070. O amadurecimento etário da população portuguesa e, em particular, da sua população sénior, traduzir-se-á pela existência de um número crescente de seniores em Portugal (2,8 milhões em 2080), distribuição que a confirmar-se representará uma conquista civilizacional e um desafio social, nomeadamente, em termos de estratificação, organização e sustentabilidade social.

Assim, com projeções demográficas que sustentam o encolhimento e a maturação etária da sociedade portuguesa, fica estabelecido um cenário favorável à emergência de uma questão social propensa à mediatização, mas que é também passível de simplificação, sobretudo, por parte das abordagens mais declarativas do que compreensivas, que nem sempre valorizam as propriedades de facto social total (Mauss, 1988) de que o envelhecimento é portador.

As amarras à expressão biológica do fenómeno envelhecimento são facilitadoras da dogmatização da dimensão natural. Só que o envelhecimento não é um momento isolado da vida biológica, não é socialmente um fenómeno intangível ou impossível de moldar. Se a prevalência dos posicionamentos naturalistas ou determinísticos geram condições favoráveis à reificação do envelhecimento, então, o fenómeno exige esforços redobrados por parte da abordagem sociológica. Torna-se necessário discutir e revelar os processos sociais, as dinâmicas e os limites das diferentes fases do tempo de vida, sem as quais o fenómeno do envelhecimento corre o risco de ser *dessocializado*, quando na verdade é um fenómeno eminentemente social, que transporta e reproduz na plenitude a interação entre a sociedade e os seus membros.

Na nossa perspetiva teórica, que se perfila numa Sociologia da vida económica (Granovetter & Swedberg, 2001), o envelhecimento mais do que o tratamento dado a um fenómeno biológico ou cronológico, corresponde ao modo como é tratada a senioridade na sociedade, cujos mecanismos de reprodução social estão sincronizados com o ciclo das relações de produção e consumo. É a inclusão/exclusão dos seniores na sociedade que nos importa abordar, na medida em que tais

movimentos (inclusão/exclusão) transportam a (in)compatibilidade entre os papéis consignados pela sociedade e os diferentes tempos da vida dos atores sociais. A ancoragem das crenças, dos valores e dos papéis dos seniores, a nosso ver, é forjada sob a influência da geometria das relações de produção e consumo, tão avassaladora quanto inevitável (e social) nas denominadas sociedades ocidentais contemporâneas, nas quais Portugal se integra, razão pela qual os níveis de inclusão/exclusão dos seniores no ciclo produtivo, nomeadamente, em termos de (in)atividade e (des)emprego são os indicadores-chave de que esta comunicação se ocupará.

Do envelhecimento à senioridade

O envelhecimento é um fenómeno social presente na literatura produzida por diferentes disciplinas (Dossey-Newby & Krull, 2005; Wellin, 2010) e tal evidência é razão suficiente para sinalizarmos e evocarmos o enfoque teórico facultado pela Sociologia do Envelhecimento (Harris, 1990; Angel & Settersten, Jr, 2010; Rosa, 2012; Waite & Plewes, 2013; Gomes, 2014), sobretudo, através da centralidade conferida ao tratamento dos papéis dos seniores e à interação deste grupo etário-social com as sociedades de que fazem parte.

A compreensão de um fenómeno tão multidimensional como o envelhecimento humano, não é possível a partir de simplificações e distorções, frequentes na estereotipagem que abunda sobre os processos humanos. Enquanto somatório de crenças, valores, regras, normas, ou se preferirmos, socializações permanentes e duradouras (Berger e Luckmann, 2004), tendo em vista o desempenho de papéis em sociedade, o envelhecimento é nossa perspectiva sociológica muito mais do que o padrão de mudança que se manifesta no desenrolar da idade cronológica (Birren e Renner, 1977; Wellin, 2016); e não se esgota na dimensão comportamental que dá conta da dinâmica de diferentes atributos, como a memória, a aprendizagem, a inteligência, a motivação ou as emoções, ao longo do curso da vida. O envelhecimento manifesta-se em dimensões não-sociológicas, biológicas ou psicológicas, mas destas resulta a insuficiência compreensiva e, conseqüentemente, a incapacidade de moldagem da sociedade. A sociedade é o substrato inalienável quando falamos de envelhecimento humano. Os padrões de mudança são transversais à vida humana e manifestam as propriedades da interação entre atores e sociedade, logo, numa perspectiva da Sociologia (centrada na vida económica), para além do envelhecimento biológico ou da dinâmica comportamental dos membros das comunidades, são as qualidades

imputáveis aos humanos ao longo dos seus tempos de vida que interessa captar, compreender e lidar. Falemos menos de envelhecimento e mais de senioridade, entendendo-a como o resultado do tempo de vida acumulado, uma realidade composta por valores e papéis, socialmente determinados, que permite graus de participação e inclusão variáveis, através dos quais se revela a indexação ao ciclo produtivo, no fundo, a prevalência de um determinado significado, ideologicamente determinado do trabalho (Figura I).

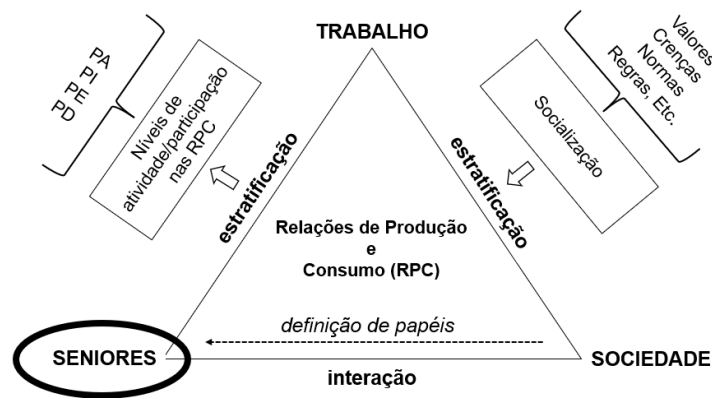


Figura I

Deste modo, o posicionamento teórico comprometido com a compreensão da senioridade, em detrimento do envelhecimento, é uma manifestação deliberada de rutura (sociológica) com o denominado ciclo de vida natural, num período histórico em vamos viver mais tempo, sem que as atividades produtivas aparentem interesse pelos ganhos de tempo da vida individual, tal a indiferença que denotam na reformulação dos seus conceitos, dos limites dos patamares etários e dos conteúdos dos papéis (dos seniores) no ciclo produtivo.

No caso da *seniorização* da sociedade portuguesa, as tendências de (in)atividade e (de)emprego entre a população sénior, admitem um significado particularmente delicado, visto que a estratificação e a organização social vigente está a coincidir com a extrema vulnerabilidade (ao risco de pobreza) dos mais seniores. A possibilidade de intensificação desta vulnerabilidade no decorrer das próximas décadas, atendendo às dinâmicas instaladas de encolhimento populacional e de maturação etária, é um problema que importa amortecer na sociedade portuguesa.

Seniorização (1998-2017)

Com as projeções a apontarem para a acentuação da *seniorização* da sociedade portuguesa no decorrer das próximas 4 décadas, torna-se significativo compreender se matérias relevantes para a estratificação e organização social, como os níveis de atividade/inatividade e de emprego/desemprego, têm descrito tendências de convergência (ou de divergência) face ao horizonte que se vislumbra.

A dinâmica da população residente no país nos últimos 30 anos (Quadro I) não denota um comportamento linear, mas considerados os limites do período (1988-2017) observa-se um crescimento da população residente (+2,8%/+280.690 indivíduos), embora seja necessário referir que esta progressão incorpora movimentos diferenciáveis: um movimento de crescimento, ininterrupto durante 18 anos (entre 1993 e 2010) e dois movimentos de decréscimo (1989-1992 e 2011-2017).

É inegável que a população residente cresceu no período considerado (+2,8%), mas as diminuições ocorridas a partir de 2011 exigem cautela: a dimensão desta população em 2017 (10.300.300) estava próximo do valor médio do período em análise (10.288.384), facto que relativiza o significado da evolução registada entre 1998 e 2017, nomeadamente, atendendo à perda de população residente nos últimos 7 anos.

Deste modo, tendo por pano de fundo um cenário demográfico com as propriedades anteriormente enunciadas, é relevante reavaliar com maior detalhe a dinâmica da população residente do grupo etário +65 anos e destacar o seu aumento (+73%/+925.074 indivíduos), de modo permanente, ao longo das últimas 3 décadas.

Na verdade, enquanto a população residente total aumentou 2,8%, a população residente do grupo etário +65 anos cresceu 73%. Face ao crescimento total da população residente, cifrado em 280.690 indivíduos, o aumento de 925.074 indivíduos no grupo etário +65 anos fez-se ainda acompanhar de uma diminuição de 1.601.490 indivíduos nos grupos etários sub 34 anos (no mesmo período), facto que ilustra como o país ganhou população residente apenas nos grupos etários supra 35 anos. A erosão de população ativa identificada nos grupos etários mais jovens, com idade inferior a 35 anos (Fabrício, 2018), não é alheia a esta tendência.

Quadro I

População residente, média anual			
Anos	Indivíduo		
	Grupo etário		
	Total	+65	% Total
1988	10 019 610	1 269 885	12,7%
1989	10 005 000	1 303 110	13,0%
1990	9 983 218	1 339 108	13,4%
1991	9 960 235	1 372 544	13,8%
1992	9 952 494	1 402 972	14,1%
1993	9 964 675	1 432 121	14,4%
1994	9 991 525	1 462 770	14,6%
1995	10 026 176	1 495 949	14,9%
1996	10 063 945	1 529 018	15,2%
1997	10 108 977	1 562 912	15,5%
1998	10 160 196	1 597 033	15,7%
1999	10 217 828	1 628 058	15,9%
2000	10 289 898	1 665 505	16,2%
2001	10 362 722	1 705 275	16,5%
2002	10 419 631	1 735 826	16,7%
2003	10 458 821	1 761 584	16,8%
2004	10 483 861	1 788 687	17,1%
2005	10 503 330	1 814 039	17,3%
2006	10 522 288	1 836 159	17,5%
2007	10 542 964	1 859 021	17,6%
2008	10 558 177	1 884 333	17,8%
2009	10 568 247	1 914 351	18,1%
2010	10 573 100	1 953 410	18,5%
2011	10 557 560	1 992 035	18,9%
2012	10 514 844	2 020 127	19,2%
2013	10 457 295	2 051 226	19,6%
2014	10 401 062	2 087 506	20,1%
2015	10 358 076	2 122 996	20,5%
2016	10 325 452	2 158 733	20,9%
2017	10 300 300	2 194 959	21,3%
Var. 2017-1988	280 690	925 074	
Var. % 2017-1988	2,8%	73%	
Var. Média Anual			16,8%

Dados obtidos em www.pordata.pt a 06/11/2018

Torna-se assim mais compreensível a magnitude da evolução dos índices de envelhecimento, longevidade e sustentabilidade potencial em Portugal (1998-2016), durante um período em que a esperança de vida aumentou 7,5 anos (em menos de 3 décadas), ou seja, 2,5 anos em média por década (Quadro II).

A existência de um maior número de pessoas com 65 e mais anos por cada 100 pessoas menores de 15 anos (índice de envelhecimento) passou a fazer parte da realidade demográfica portuguesa desde 2001. Simultaneamente, o número de pessoas com 75 e mais anos por cada 100 pessoas com 65 e mais anos (índice de longevidade) não cessou de crescer e, deste modo, passou a traduzir-se pelo envelhecimento da população mais idosa, panorama que permitiu a consolidação da relação que se foi estabelecendo entre a população em idade ativa e a população idosa (índice de sustentabilidade potencial), definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 64 e o número de pessoas com 65 ou mais anos.

Quadro II

PORTUGAL	Esperança de vida	Índice de envelhecimento	Índice de longevidade	Índice de sustentabilidade potencial
	Anos	%	%	Rácio
1988	73,8	57,9	39,2	5,2
1989	74,4	61,5	39,4	5,1
1990	74,1	65,7	39,4	4,9
1991	74,1	70,0	39,2	4,8
1992	74,7	73,8	39,1	4,7
1993	74,6	77,2	38,8	4,7
1994	75,5	80,5	38,6	4,6
1995	75,4	84,0	39,0	4,5
1996	75,3	87,3	39,5	4,4
1997	75,8	90,5	39,8	4,4
1998	76,0	93,5	40,3	4,3
1999	76,2	96,0	40,8	4,2
2000	76,8	98,8	41,4	4,2
2001	77,2	101,6	41,9	4,1
2002	77,4	103,3	42,3	4,0
2003	77,5	104,7	42,7	4,0
2004	78,4	106,6	43,2	3,9
2005	78,2	108,5	43,8	3,9
2006	79,0	110,4	44,6	3,8
2007	79,3	112,6	45,6	3,8
2008	79,5	115,1	46,4	3,7
2009	79,7	117,8	46,9	3,7
2010	80,1	121,6	47,6	3,6
2011	80,7	125,8	48,3	3,5
2012	80,6	129,4	48,7	3,4
2013	80,9	133,5	48,9	3,3
2014	81,3	138,6	49,0	3,3
2015	81,3	143,9	49,0	3,2
2016	81,3	148,7	48,8	3,1
2017	ND	153,2	48,6	3,0

Dados obtidos em www.pordata.pt a 06/11/2018

Parte significativa dos indicadores mencionados é presença regular no discurso mediático sobre o envelhecimento e constitui uma expressão estatística da realidade da população residente do país e da população do grupo etário 65+, que na verdade é um grupo etário em situação particularmente delicada, como já notámos, em termos de risco de pobreza (Quadro III), na medida em que as transferências sociais têm para este grupo etário um efeito absolutamente crucial, funcionando como um autêntico amortecedor.

Quadro III

PORTUGAL	Taxa de risco de pobreza <u>antes</u> de transferências sociais		Taxa de risco de pobreza <u>após</u> transferências sociais	
	Total	+ 65 anos	Total	+ 65 anos
2003	41,3	81,8	20,4	28,9
2004	40,8	82,0	19,4	27,6
2005	40,2	83,5	18,5	26,1
2006	40,0	84,2	18,1	25,5
2007	41,5	84,5	18,5	22,3
2008	41,5	84,5	17,9	20,1
2009	43,4	84,8	17,9	21,0
2010	42,5	85,0	18,0	20,0
2011	45,4	87,7	17,9	17,4
2012	46,9	87,0	18,7	14,6
2013	47,8	88,9	19,5	15,1
2014	47,5	89,7	19,5	17,0
2015	46,1	89,8	19,0	18,3
2016	45,2	90,0	18,3	17,0
2017	ND			

Dados obtidos em www.pordata.pt a 06/11/2018

Porém, a situação dos mais seniores em Portugal é compatível com os esforços de procura por outras dimensões de análise, nomeadamente, as que permitem revelar os moldes em que o aumento do tempo de vida tem vindo a ser conjugado com princípios de inclusão económica, que nesta reflexão, são indiciáveis através das tendências de (in)atividade e (des)emprego do grupo etário 65+. As circunstâncias em que atualmente as pessoas deste grupo etário vivem mais anos de vida, quando os índices de envelhecimento, longevidade e sustentabilidade potencial têm subjacentes a existência de taxas de risco de pobreza crescentes, representa, pois, um nível da realidade que a análise sociológica é capaz de compreender e demonstrar.

(In)atividade dos seniores

A (in)atividade dos mais seniores não é uma matéria captável no âmbito de uma abordagem geralista ou centrada nos limites do período temporal em análise, visto que acolhe registos intermédios (por vezes) ambivalentes e paradoxais (Quadro IV), tão característicos e recorrentes na modernidade líquida (Bauman, 1999), sendo por isso dissimuladores das manifestações de divergência e exclusão (que decorrem entre os seniores e a sociedade).

Quadro IV

Anos	População ativa			População inativa		
	Grupos etários			Grupos etários		
	Total	65+	%	Total	65+	%
1988	4 785,8	185,2	3,9%	5 399,7	1 243,0	23,0%
1989	4 856,6	188,4	3,9%	5 373,7	1 255,7	23,4%
1990	4 948,7	189,3	3,8%	5 315,1	1 279,8	24,1%
1991	5 064,9	212,7	4,2%	5 212,9	1 254,0	24,1%
1992	⊥ 4 737,2	⊥ 171,6	3,6%	⊥ 5 052,0	⊥ 1 165,1	23,1%
1993	4 715,1	186,1	3,9%	5 089,0	1 202,5	23,6%
1994	4 773,0	201,6	4,2%	5 033,8	1 211,7	24,1%
1995	4 754,3	208,7	4,4%	5 066,5	1 245,0	24,6%
1996	4 788,8	248,2	5,2%	5 053,9	1 342,2	26,6%
1997	4 854,5	277,0	5,7%	5 007,1	1 443,4	28,8%
1998	⊥ 5 100,1	⊥ 272,7	5,3%	⊥ 5 046,2	⊥ 1 323,4	26,2%
1999	5 151,4	279,7	5,4%	5 052,5	1 344,3	26,6%
2000	5 247,3	300,4	5,7%	5 033,8	1 362,8	27,1%
2001	5 342,4	319,4	6,0%	5 015,5	1 386,6	27,6%
2002	5 414,3	328,9	6,1%	4 999,5	1 405,7	28,1%
2003	5 433,8	329,3	6,1%	5 018,4	1 433,0	28,6%
2004	5 421,4	320,8	5,9%	5 057,6	1 467,9	29,0%
2005	5 461,4	325,1	6,0%	5 038,1	1 486,0	29,5%
2006	5 499,6	328,7	6,0%	5 022,2	1 507,1	30,0%
2007	5 533,1	337,1	6,1%	5 008,9	1 521,2	30,4%
2008	5 534,6	331,4	6,0%	5 022,8	1 553,9	30,9%
2009	5 486,1	324,9	5,9%	5 079,6	1 587,3	31,2%
2010	5 489,7	323,6	5,9%	5 079,6	1 630,1	32,1%
2011	⊥ 5 428,3	⊥ 289,8	5,3%	⊥ 5 124,9	⊥ 1 701,9	33,2%
2012	5 382,6	295,7	5,5%	5 125,4	1 721,9	33,6%
2013	5 284,6	274,8	5,2%	5 164,7	1 778,2	34,4%
2014	5 225,6	249,4	4,8%	5 161,7	1 839,6	35,6%
2015	5 195,2	245,8	4,7%	5 142,0	1 877,4	36,5%
2016	5 178,3	238,7	4,6%	5 128,1	1 920,4	37,4%
2017	5 219,4	247,3	4,7%	5 065,6	1 946,7	38,4%
Var. 2017-1998	433,6	62,1	5,1%	-334,1	703,7	29,1%
Var. % 2017-2018	9,1%	33,5%	M%A p	-6,2%	56,6%	M%A p

Dados obtidos em www.pordata.pt a 06/11/2018

⊥ Quebra de série

O aumento da população ativa total (+9,1%) nos últimos 30 anos envolveu um crescimento de 33,5% da mesma população no grupo etário 65+, no entanto, desde 2008 temos vindo a assistir a perdas sucessivas nesta tendência, de que os anos de 2012 e 2017 são exceções, mas que não ocultam um facto: a diminuição progressiva ao longo da última década, deste subconjunto etário, na formação da população ativa total.

Para uma melhor compreensão do fenómeno, tenhamos em consideração que os máximos históricos (6,1%) de participação deste grupo etário na população ativa total (registados em 2002, 2003 e 2007), não voltaram a ser superior a 6% desde 2008, tendo resvalado para 4,7% em 2017.

Portanto, apesar do crescimento de 33,5% observado no período (1988-2017), a participação dos mais seniores na vida ativa ao longo dos últimos 10 anos tem vindo a situar-se em patamares inferiores ao da média percentual do período (5,1%), permitindo-nos esboçar a conclusão preliminar: apesar de serem cada vez mais, os membros do grupo etário em referência não se encontram desde 2008 em situação de convergência (e de inclusão) em termos de atividade económica. Esta observação é complementada pela dinâmica da população inativa. Recorde-se a este propósito (população inativa), que entre 1998 e 2017, a população do grupo etário 65+ cresceu 56,6% e a média percentual anual do período foi de 29,1%.

(Des)emprego dos seniores

A situação em termos de (des)emprego para o grupo etário (formado pelos seniores) segue um padrão idêntico ao observado em matéria de (in)atividade, ou seja, a diminuição progressiva ao longo da última década, neste caso, na formação da população empregada.

O aumento da população empregada (+5,4%) nos últimos 30 anos incorpora um crescimento de 31,0% da mesma população no grupo etário 65+ (Quadro V). Porém, desde 2008 temos vindo a assistir a perdas sucessivas de emprego neste grupo etário, com exceção para 2012 e 2017. Esta progressão, no entanto, não invalida a diminuição progressiva ao longo da última década deste subconjunto etário na formação da população empregada. Face aos máximos históricos alcançados em 2007 e 2010 (6,6%) de participação deste grupo na formação população

empregada total, a situação passou a ser de decréscimo consecutivo desde 2014, não ultrapassando a fasquia dos 5,1% em 2017 (sendo a média percentual anual do período de 5,5%).

Quadro V

Anos	População empregada			População desempregada		
	Grupos etários			Grupos etários		
	Total	65+	%	Total	65+	%
1988	4 512,8	184,1	4,1%	273,0	12,6	4,6%
1989	4 613,2	188,0	4,1%	243,7	9,1	3,7%
1990	4 717,5	188,9	4,0%	231,1	12,6	5,5%
1991	4 857,4	212,2	4,4%	207,6	13,4	6,5%
1992	⊥ 4 543,1	⊥ 171,1	3,8%	⊥ 193,6	⊥ 10,5	5,4%
1993	4 457,7	185,1	4,2%	256,5	17,9	7,0%
1994	4 449,2	199,5	4,5%	321,7	21,8	6,8%
1995	4 415,9	208,1	4,7%	337,7	22,6	6,7%
1996	4 444,9	247,4	5,6%	343,1	27,4	8,0%
1997	4 530,4	275,8	6,1%	322,9	30,2	9,4%
1998	⊥ 4 848,4	⊥ 272,5	5,6%	⊥ 251,8	⊥ 18,6	7,4%
1999	4 925,7	279,1	5,7%	225,7	17,4	7,7%
2000	5 041,3	299,8	5,9%	206,0	18,6	9,0%
2001	5 128,2	318,8	6,2%	214,2	18,1	8,5%
2002	5 143,8	328,4	6,4%	270,5	21,8	8,1%
2003	5 093,4	328,5	6,4%	340,4	26,3	7,7%
2004	5 062,3	319,8	6,3%	359,1	33,8	9,4%
2005	5 047,3	324,4	6,4%	414,1	38,5	9,3%
2006	5 079,0	328,5	6,5%	420,6	40,5	9,6%
2007	5 092,5	336,4	6,6%	440,6	43,7	9,9%
2008	5 116,6	330,9	6,5%	418,0	44,8	10,7%
2009	4 968,6	323,7	6,5%	517,4	52,2	10,1%
2010	4 898,4	321,9	6,6%	591,2	62,2	10,5%
2011	⊥ 4 740,1	⊥ 286,9	6,1%	⊥ 688,2	⊥ 75,7	11,0%
2012	4 546,9	291,0	6,4%	835,7	89,6	10,7%
2013	4 429,4	271,4	6,1%	855,2	99,2	11,6%
2014	4 499,5	245,0	5,4%	726,0	99,8	13,7%
2015	4 548,7	239,6	5,3%	646,5	95,7	14,8%
2016	4 605,2	234,0	5,1%	573,0	87,3	15,2%
2017	4 756,6	241,2	5,1%	462,8	72,3	15,6%
Var. 2017-1998	243,8	57,1	5,5%	189,8	59,7	9,1%
Var. % 2017-2018	5,4%	31,0%	M%A p	69,5%	473,8%	M%A p

Dados obtidos em www.pordata.pt a 06/11/2018

⊥ Quebra de série

A parcela dos mais seniores na população empregada ao longo da última década, não obstante o crescimento de 31,0% quando considerado o período (1988-2017), traduz-se por níveis de participação decrescentes e inferiores ao da média percentual do período (5,5%), facto que reflete como o grupo etário em referência está a diminuir (desde 2013) a sua participação na formação da população empregada total.

A contraprova da tendência observada na população empregada é fornecida pelo comportamento da população desempregada, subconjunto no qual o grupo etário 65+ viu a sua dimensão crescer 473,8%. Este fenómeno tem um significado particular se considerarmos o aumento de 69,5% desta população no período em apreço.

Efetivamente, as dinâmicas que se inferem dos níveis de (in)atividade e de (des)emprego, no grupo etário em menção, no período considerado, significam a diminuição de atividade, a diminuição de emprego e o aumento do desemprego entre os mais seniores (+ de 65 anos), quando o cenário social é caracterizado pelo aumento da esperança de vida.

Considerações finais

O futuro demográfico que se vislumbra para Portugal não estará isento de repercussões ao nível da estratificação, organização e sustentabilidade social, face às tendências em curso e aos cenários prospetivos que dão conta do processo de encolhimento e maturação populacional no país. A evolução regressiva da população total, combinada com o aumento progressivo da população sénior, favorecerá o envelhecimento da sociedade portuguesa e colocará inúmeras questões, designadamente, sobre os papéis reservados aos seniores numa sociedade *seniorizada*.

Paralelamente, a geometria sectária das relações de produção e consumo (vigentes) não aparenta ser favorável aos seniores, se considerarmos as tendências de (in)atividade e (des)emprego registadas nos últimos 30 anos (1988-2017), período ao longo do qual o aumento de participação e de emprego para os mais seniores não permite corroborar, em nosso entender, qualquer processo de reforço da inclusão destes na sociedade portuguesa.

Na verdade, os sinais disponíveis ao nível da (in)atividade e do (des)emprego dos seniores simbolizam bem o paradoxo e a incoerência da modernidade, em que a possibilidade de vidas com durações mais extensas depara-se com dificuldades crescentes para se viabilizar. Assim, a

fragilidade da população sénior em Portugal, nomeadamente, em termos do risco de pobreza, tarda em fazer-se acompanhar de uma discussão alargada, capaz de gerar ajustamentos adequados para o significado e o lugar do trabalho, nomeadamente, perante ciclos de vida cronologicamente crescentes. Não se antevê como compatibilizar, eficazmente, os ganhos cronológicos de vida, com o desejável incremento da qualidade de vida; e esta limitação não pode ser enunciada sem que se reitere que o padrão de mudança, inerente ao desenrolar da idade cronológica, não é matéria natural, nem decorre apenas de dimensões comportamentais estanques, mas é antes o resultado da definição e da capacidade de moldagem dos diferentes papéis dos atores sociais.

A nosso ver, sem o aumento dos níveis de inclusão dos mais seniores, monitorizáveis no reforço efetivo (quando exequível) da participação deste grupo etário na formação da população ativa e da população empregada, provavelmente, perdurará a liturgia naturalista e determinística que versa sobre as inevitabilidades do envelhecimento populacional. Porém, seria da integração das propriedades decorrentes de tempos de vida ampliados que careceríamos, bem como do ajustamento da ideologia do ciclo produtivo e, conseqüentemente, da modelação do significado do próprio trabalho na contemporaneidade.

Bibliografia

- Bauman, Zygmunt (1999), *Modernidade e ambivalência*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Berger, Peter L. e Luckmann, Thomas (2004), *A Construção Social da Realidade*, Lisboa, Dinalivro, 2ª edição.
- Birren, J. E. & Renner, V. J. (editors) (1977), *Handbook of the Psychology of Aging*, New York, Van Nostrand Reinhold.
- Dossey-Newby, Paula & Krull, Amy C. (2005), “What’s in a name? An examination of Sociology of Aging versus Social Gerontology course content”, *Educational Gerontology*, nº 31, pp: 225-233.
- Fabício, Ricardo (2018), “(Des)emprego: depois da erosão e da reconfiguração (2007-2016)” in *Atas do XVII ENSIOT*, Lisboa, APSIOT, pp: 123-142.
- Gomes, Cláudia Teixeira (2014), “A temática do envelhecimento na investigação sociológica em Portugal: que produção?”, *CIES e-Working Paper nº 189/2014*.
- Granovetter, Marc & Swedberg, Richard (editors) (2001), *The Sociology of Economic Life*, Colorado, Westview Press.
- Harris, Diana K. (1990), *Sociology of Aging*, New York, Harper & Row, second edition.
- INE (2017), *Projeções de População Residente 2015-2080*, Lisboa, INE.
- Mauss, Marcel (1988), *Ensaio Sobre a Dádiva*, Lisboa, Edições 70.
- OIT (2018), *Trabalho Digno em Portugal 2008-2018. Da Crise à Recuperação*, Genebra, BIT.

Rosa, Maria João Valente (2012), *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*, Lisboa, FFMS.

Settersten, Jr., Richard A. & Angel, Jacqueline L. (editors) (2010), *Handbook of Sociology of Aging*, New York, Springer.

Waite, Linda J. & Plewes, Thomas J. (editors) (2013), *New Directions in the Sociology of Aging*, New York, The National Academies Press.

Wellin, Christopher (2010), "Growing Pains in the Sociology of Aging and the Life Course: A review Essay on Recent Textbooks", *Teaching Sociology*, n° 38(4), pp: 372-382.

ⁱ Entendidos como subconjunto da população total com 65 ou mais anos de idade.